

A SEMANA – 165

John Gledson

Uma crônica profundamente típica, que inverte as prioridades do jornal. Dá destaque a um caso que atraiu certa atenção, o assassinato da rua da Relação, mas com uma ironia sutil e contundente que ataca as premissas às quais a *Gazeta*, e outros jornais, se submeteram. Ao ler as notícias, com efeito, nos damos conta que este Manuel de Sousa e Silva, culpado ou não, foi condenado na base das teorias de Cesare Lombroso, figura célebre, muito acatada na época, sobre a conexão entre tatuagem e crime. O ódio machadiano contra estas teorias, bem fundamentado, tinha origens sem dúvida na sua ênfase na hereditariedade do “criminoso nato”. Por isso termina o assunto com um sarcástico comentário sobre a junção de amor e crime, que o “criminoso” teria “herdado” de Salomão. O comentário sobre Trajano – “a natureza e seus espantos” – também mostra um caráter humano menos previsível que os imaginados pelos “médicos-legistas” que acreditavam piamente nestas teorias. Já a tentativa de posse inglesa da ilha da Trindade, o grande assunto da semana, recebe um comentário mais jocoso, se bem que claramente anti-imperialista (“e ponde na cobiça um duro freio”).



A SEMANA

28 de julho de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Raramente leio as notícias policiais, e não sei se faço bem. São monótonas, vulgares, a língua não é boa; em compensação, podem achar-se pérolas nesse esterco. Foi o que me sucedeu esta semana, deixando cair os olhos na notícia do assassinato de João Ferreira da Silva.¹ Não foi o nome da vítima que me prendeu a atenção, nem o do suposto assassino, nem as demais circunstâncias citadas no depoimento das

¹ A notícia deste assassinato apareceu nos jornais do dia 22 de julho – Silva, ex-corneta da brigada policial, morador numa estalagem dos arredores, tinha sido morto a facadas perto da rua da Relação, onde o corpo foi encontrado. Nesse momento, foi arrestado Luís Torres Nogueira, que parara para ver se a vítima estava morta. No dia seguinte, porém, dia 23, depois dos depoimentos de várias testemunhas, mudaram-se as suspeitas. Faz-se necessário citar um longo trecho da *Gazeta*, que inclui a descrição das tatuagens (o trecho é contínuo: não há nada omitido entre os parágrafos, por mais casos de *non sequitur* que pareça haver): “A autoridade policial espera em breve descobrir o verdadeiro assassino para entregá-lo à ação da justiça. / Segundo trata C. Lombroso em seu livro intitulado *L’Uomo delinquente*, publicamos em seguida as tatuagens encontradas no corpo de Manuel de Sousa e Silva pelos Drs. Morais Brito e Cunha Cruz. / Manuel de Sousa e Silva, de cor branca, português, solteiro, morador à rua do Resende, nº 109. / Apresenta uma ferida incisa na região tenar, dois centímetros de extensão, dirigida de cima para baixo, de dentro para fora, na mão esquerda; apresenta, entre outras, as seguintes tatuagens: um crucifixo na face anterior do braço esquerdo; um signo de Salomão, na face externa do mesmo braço; as iniciais I. M. C. (Isaura Maria da Conceição) isto no dorso da mão do mesmo lado; no dorso da mão direita um signo de Salomão; na face anterior do antebraço, do mesmo lado um coração, com ápice para baixo, atravessado por uma seta, e um punhal em cruz; na área representada pelo coração, as iniciais M. S. S. (Manuel de Sousa e Silva); por baixo dessas iniciais, e na mesma área as iniciais S. E. S. (Sara Escaldina dos Santos); por sobre o coração, na mesma face do braço, uma estrela; sobre a estrela, uma fita com as iniciais M. S. F. (Maria da Silva Fidalga); por sobre a fita as iniciais M. J. R. C. (Maria Joaquina Rosa da Conceição); no peito, na região precordial, um coração atravessado por dois punhais em cruz. Uma figura de mulher e outra de homem, em colóquio amoroso, na face anterior do braço direito.” Na quarta-feira, diz-se que o criminoso não foi preso ainda, por estarem ainda interrogando as testemunhas. Ao mesmo tempo, requereram a presença de Sousa e Silva, “o homem tatuado de que tratamos ontem na nossa notícia.” Em seguida, sem explicação, como se se tratasse de uma coisa normal, informa que o dr. Sousa Lima, lente da Academia de Medicina, “fez uma pequena preleção aos seus alunos sobre os indivíduos tatuados de que trata o professor Lombroso”. Diz que “os desenhos de tatuagem que apresentava no corpo eram descritos pelo sábio escritor italiano em seu livro *L’Uomo delinquente*, os quais demonstravam ser uma cópia fiel dos que existiam no citado livro.” Já na quinta-feira, dia 25, anuncia-se que chegou-se à conclusão de que Sousa e Silva, que já cumprira pena há anos passados por crime de morte, era o culpado. “Pelos depoimentos das testemunhas, vê-se que o móvel do crime foram os ciúmes de *Nené* [Sousa e Silva], por causa de uma mulher.”

testemunhas, as serenatas de viola, o botequim, a bisca e outras. Uma das testemunhas, por exemplo, fala do clube dos Girondinos, que eu não conhecia, mas ao qual digo que, se não tem por fim perder as cabeças dos sócios, melhor é mudar de nome.² Sei que a história não se repete. A Revolução Francesa e *Otelo* estão feitos; nada impede que esta ou aquela cena seja tirada para outras peças, e assim se cometem, literariamente falando, os plágios. Ora, o nome de Girondinos é sugestivo; dá vontade de levar os portadores ao cadafalso. Tudo isto seja dito, no caso de não se tratar de alguma sociedade de dança.

Vamos, porém, ao assassinato da rua da Relação. O que me atraiu nesse crime foi a força do amor, não por ser o motivo da discórdia e do ato, – há muito quem mate e morra por mulheres – mas por apresentar na pessoa de Manuel de Sousa, o suposto assassino, um modelo particular de paixões contrárias e múltiplas. Foram as tatuagens do corpo do homem que me deslumbraram.

As tatuagens são todas ou quase todas amorosas. Braços e peito estão marcados de nomes de mulheres e de símbolos de amor. Lá estão as iniciais de uma Isaura Maria da Conceição, as de Sara Esaltina dos Santos, as de Maria da Silva Fidalga, as de Joaquina Rosa da Conceição. Lá estão as figuras de um homem e de uma mulher em colóquio amoroso; lá estão dois corações, um atravessado por uma seta, outro por dois punhais em cruz...

Quando os médicos examinaram este homem fizeram-no com Lombroso na mão,³ e acharam nele os sinais que o célebre italiano dá para se conhecer um criminoso nato; daí a veemente suposição de ser ele o assassino de João Ferreira. Eu, para completar o juízo científico, mandaria ao mestre Lombroso cópia das tatuagens, pedindo-lhe que dissesse se um homem tão dado a amores, que os escrevia em si mesmo, pode ser verdadeiramente criminoso.

Se pode, e se foi ele que matou o outro,⁴ não será o “anjo do assassinato”, como Lamartine chamou a Carlota Corday,⁵ mas será, como eu lhe chamo, o Eros do assassinato. Na verdade, há alguma coisa que atenua este crime. Quem tanto ama, que é

² Este inocente “Clube recreativo e familiar” encontrava-se no largo de São Domingos, nº 8. Teria tanto de político quanto os mais famosos Fenianos, nome tomado de empréstimo aos revolucionários irlandeses. Os Girondins originais foram um grupo de revolucionários rivais dos jacobinos, guilhotinados em 1793, no começo do Terror. Quem estabeleceu o termo (do “département” de que vieram muitos deles), foi Lamartine, na sua *Histoire des Girondins* (1847) – ver nota 5.

³ Cesare Lombroso (1835-1909) foi criminologista italiano, autor entre outros livros de *L'uomo delinquente* (1876), e muito influente na época, embora em boa parte desacreditado hoje. Achava que a criminalidade era hereditária, e que os criminosos podiam ser reconhecidos por certos traços e defeitos físicos, inclusive o uso excessivo de tatuagem. Como também acreditava que havia uma ligação causal entre epilepsia e criminalidade, é fácil imaginar a opinião dele que Machado tinha.

⁴ Esta vírgula falta na *Gazeta*. Aurélio a repõe.

⁵ Charlotte Corday (1768-1793), que matou o líder revolucionário Jean-Paul Marat (1743-1793) na sua banheira, foi chamada de “ange de l’assassinat” por Alphonse de Lamartine (1790-1869) na *Histoire des Girondins*, tome II, livre 44, onde há uma descrição longa do acontecimento.

capaz de escrever em si mesmo alguns dos nomes das mulheres amadas... Sim, apenas quatro, mas é evidente que este homem deve ter amado dezenas delas, sem contar as ingratas. Convém notar que traz no corpo, entre as tatuagens públicas, um signo de Salomão.⁶ Ora Salomão, como se sabe, tinha trezentas esposas e setecentas concubinas; daí a devoção que Manuel de Sousa lhe dedica. E isso mesmo explicará a⁷ vocação do homicídio. Salomão, logo que subiu ao trono, mandou matar algumas pessoas para ensaiar a vontade. Assim as duas vocações andarão juntas, e se Manuel de Sousa descende do filho de Davi, coisa possível, tudo estará mais que explicado.

A força do amor é tamanha que até aparece no conflito do Amapá. Daquela tormenta sabe-se que dois nomes sobrevivem, Cabral e Trajano.⁸ O retrato do chefe Cabral, que com tanto ardor defendeu a povoação, quando os franceses a invadiram levando tudo a ferro e fogo, está na loja Natté; mas não é dele que trato. Trajano, que os franceses alegavam ser seu, chegou à capital do Pará onde foi interrogado por mais de um *reporter*⁹ visto e ouvido com extraordinária atenção. A todos respondeu narrando as cenas terríveis. Dizem os jornais que é homem de seus cinquenta e cinco anos, inteligente, falando bem o português, com uma ou outra locução afrancesada.

Tudo narrou claramente – e tristemente, decerto, mas, acaso pensais que essas cenas de sangue são a sua principal dor? Não conheceis a natureza e seus espantos. Trajano sente mais que tudo uma caboclinha, sua mulher, que lhe fugiu. Este duro golpe penetrou mais fundo na alma dele que os outros. Não daria a pátria pela caboclinha, nem ninguém lha pede; mas, enquanto a dor lhe dói, vai confessando o que sente.

Quem sabe se o caso da ilha da Trindade é mais de amor que de navegação e posse?¹⁰ Agora que o conflito está findo ou quase findo, graças à habilidade e firmeza

⁶ A figura, formada por dois triângulos entrelaçados em forma de estrela, assemelha-se à estrela de Davi; na Antiguidade, foi usada por muçulmanos como talismã contra qualquer influência funesta. Sua origem é atribuída aos antigos persas, e o nome evoca o rei Salomão.

⁷ Esta palavra falta na *Gazeta*. Aurélio a acrescenta.

⁸ Desde o império, havia uma área extensa entre Amapá e a colônia francesa de Caiena, entre os rios Oiapoque e Araguari, que era disputada; chamava-se o Contestado Franco-Brasileiro, e os dois países a disputavam entre si. Em 1894, descobriu-se ouro na região, e os ânimos se acirraram. Os franceses atacaram a sede brasileira em Espírito Santo do Amapá em 15 de maio de 1895, matando muita gente, mas foram rechaçados pelas forças comandadas por Francisco Xavier da Veiga Cabral, o Cabralzinho, que depois virou herói nacional. Trajano, que era escravo fugido do Pará, ficou sendo delegado francês na área. Foi preso e levado para Belém. O caso foi submetido à arbitragem do presidente suíço, e resolvido a favor do Brasil em 1900. Foi um dos sucessos diplomáticos do Barão de Rio Branco.

⁹ Aurélio traz “repórter”, sem itálico e acentuado.

¹⁰ A ilha da Trindade foi o grande assunto da semana: na quarta-feira, dia 24, havia um mapa detalhado da ilha em destaque na primeira página da *Gazeta*: a ilha tinha sido ocupada há algum tempo, em segredo, por marinheiros britânicos, e era óbvio que a Inglaterra queria tomar posse dela, dizia-se que para um posto telegráfico – afinal, já possuía outras ilhas no Atlântico Sul. Em 1781, diz a notícia, os ingleses tinham ocupado a ilha, e fundou-se um estabelecimento “de pouquíssima duração”, e quando se deram

do governo, podemos conjecturar um pouco sobre este ponto, não para explicar poeticamente a ação inglesa, mas para mostrar que os corações mais duros podem ter seus acessos de ternura.

Camões chama alguns *duros navegantes* aos seus portugueses.¹¹ Nem por duros puderam esquivar-se ao amor. Um dia acharam a ilha dos Amores, que Vênus, para os favorecer, ia empurrando no mar, até encontrá-los. Os descobridores da Índia desembarcaram. As belezas da floresta, a aparição das ninfas nuas e seminuas, que iam fugindo aos intrusos, as falas deles e delas, os famintos beijos, o choro mimoso, a ira honesta, e toda a mais descrição e narração, lidas em terra, fazem extraordinariamente arder os corações. Imaginai um navio inglês, patricio de Byron, no alto mar, batido dos ventos e da miséria, e dando com uma ilha deserta e inculta. Se os tripulantes estivessem lendo as ordens do almirantado do século XVIII, podia ser que não entrassem na ilha; mas liam Camões, e exatamente o episódio da ilha dos Amores. Desceram à ilha; a imaginação acesa pela poesia mostra-lhes o que não há; dão com tranças de ouro, fraldas de camisa, pernas nuas. Um Veloso, por outro nome inglês, dá espantado um grande grito, repete o discurso do personagem de Camões, e conclui que sigam as deusas, e vejam se são fantásticas, se verdadeiras. Todos obedeceram, inclusive o Leonardo do poema, e entraram a correr pela mata e pelas águas, até que deram por si em um espaço deserto, sem fruta, sem flores, sem moças...

Ouviram alguma coisa, ao longe, a voz de um homem, que falava pela língua do poeta, ainda que em prosa diplomática. E dizia a voz estranha uma porção de coisas que eles, antes de ler Camões, deviam trazer de memória. Tornaram a bordo, não menos ardentes que desconsolados, e foram consolar-se com o imaginado episódio da ilha dos Amores; mas então já haviam passado as estrofes das ninfas nuas e seminuas; estas

conta que pertencia a Portugal, retiraram-se (obedecendo o almirantado da crônica); os portugueses mantiveram nela um destacamento militar até 1797. Já o embaixador britânico, Constantine Phipps, “disse que a ilha tinha sido ocupada por estar em abandono, que a Inglaterra se apoderava dela por ser terra sem dono; mais tarde, porém, diz que o domínio da Inglaterra sobre a ilha vem desde 1700”, quando teria entrado nela um destacamento inglês de uma missão científica – uma contradição óbvia, pois nesse caso quem a teria deixado em abandono seriam os ingleses! Os ânimos ficaram acirradíssimos, até o ponto de a *Gazeta* advertir que qualquer excesso podia prejudicar o caso legítimo brasileiro. Já no fim da semana, o governo de lord Salisbury concordava em negociar, e submeter o negócio a arbitragem; os ânimos se acalmaram, e o assunto sumiu das primeiras páginas. Seria resolvido a favor do Brasil, com a mediação de Portugal, em 1897.

¹¹ O episódio da ilha dos Amores ocupa boa parte do canto IX d’*Os Lusíadas*, da estrofe 52 até 88. As ninfas, claro, são alegóricas, e nesse sentido irrealis. Os versos citados no fim da crônica são da estrofe 93 do mesmo canto. Não achei a frase “duros navegantes”, mas, na primeira estrofe do canto VI do poema, Camões emprega a expressão “fortes navegantes”. Terá falhado a memória de Machado? Talvez seja por isso que diz que se encontra “algures”.

tenham-se casado com os navegantes e a deusa principal com o grande capitão. Os versos já não eram lascivos, mas conceituosos. Um deles lia para os outros escutarem:

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, etc.



CRIMINOSO TATUADO

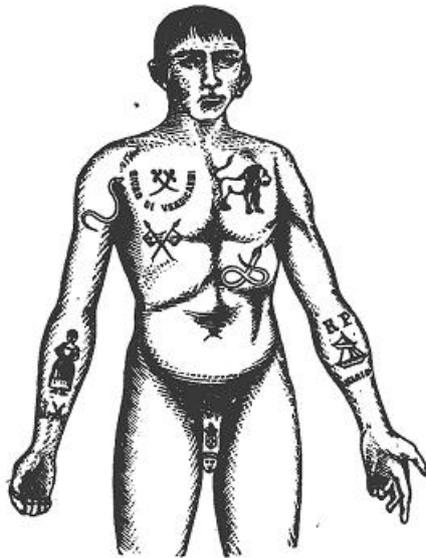


Fig. 7.

Ex-marinaio, truffatore ed omicida per vendetta,
detenuto in Alessandria.

FONTE: LOMBROSO, Cesare. *L'uomo delinquente*. Torino: Fratelli Boca, 1878. p. 76.